

# O certo, o errado e a impostura<sup>1</sup>

ANDRÉA PAVÃO

*Erra uma vez*

*nunca cometo o mesmo erro*

*duas vezes*

*já cometo duas três*

*quatro cinco seis*

*até esse erro aprender*

*que só o erro tem vez*

Paulo Leminski

Todos nós conhecemos a máxima dos esportes: “o importante não é vencer, é competir”. Curioso que o mesmo espírito não seja levado a cabo quando se trata de aprender. Eu adoraria que meus alunos se convertessem à seguinte ideia: o importante não é acertar; é aprender. Neste pequeno texto, procuro explicitar o que me parece imprescindível para iniciarmos um trabalho honesto de estudos.

Assim, a partir de referências variadas, desde o cinema, literatura, psicologia e filosofia, incluindo relatos de experiências pessoais, procuro explorar o valor do acerto e do erro no interior do processo de aprendizagem e da sociedade ocidental. Partindo da ideia de que aprender não significa acertar, defendo a necessidade de experimentar (como *errância*) para se chegar a saber o que não se sabe, e para transcendermos o que somos, honestamente, assumindo os riscos do percurso, sem impostura.

## ENTÃO, ACERTAR NÃO É O MESMO QUE APRENDER?

Efetivamente, não.

Há muitos caminhos para se acertar. Um deles é através da aprendizagem, claro. Mas se pode, ainda errando, acertar por casualidade, e também se pode acertar copiando, por exemplo, o que não tem nada a ver com aprendizagem. De um jeito ou de outro, na melhor das hipóteses, o acerto não nos oferece muita coisa além da confirmação exterior de que se aprendeu alguma coisa. Na maior parte das vezes, sequer isso.

A expansão do *american way of life* (o jeito americano de viver) nos impõe a lógica da supre-



macia do vencedor, sendo aqueles que fracassam não mais do que desprezíveis *losers*. Para não ser um perdedor, numa cultura extremamente competitiva, vale absolutamente tudo: trair nossos ideais, nossos princípios éticos, copiar trabalhos alheios, difamar nossos rivais, trapacear, enfim. Este é o caminho da *impostura*. A impostura é simplesmente isso: fazer passar-se pelo que, muito embora possamos desejar, ainda não chegamos a ser. Todo mundo sabe muito bem o que é, porque vivemos em tempos de impostura generalizada e consentida, sendo constantemente conduzidos a ela. Chamo de impostura, aqui, o avesso da postura (*ashanas* da *yoga*). A postura é a retidão, honestidade e consciência desde as camadas mais sutis da existência (e, principalmente nestas!),

sendo a postura física apenas o resultado exterior desta atitude interior.

Há um livro destinado a crianças, *O pote vazio* (DEMI, 2002), que nos mostra a angústia de um menino que leva às últimas consequências o princípio da honestidade, em um mundo onde impera a impostura. Um imperador cria um curioso modo de eger seu sucessor: oferece sementes a todas as crianças de seu império, para que as façam crescer. Depois de alguns meses, em data fixada, escolheria a criança que tivesse sido capaz de cultivar a planta mais linda. Ping, nosso herói, apesar de muito experiente em jardinagem e de toda sua dedicação, não consegue fazer sua semente sequer germinar. No dia marcado, enquanto todas as crianças tinham plantas maravilhosas, Ping não tinha mais do que um pote vazio. Ao final, é recompensado. Na verdade, as sementes estavam todas queimadas, incapazes de germinar. Somente Ping foi sincero e era isso o que o sábio imperador procurava. Na vida real, infelizmente, é lastimavelmente raro que a honestidade seja valorizada.

A cultura da impostura, vamos dizer assim, se expande em todas as áreas da vida contemporânea. Exemplo bem visível disso são as inúmeras próteses que as pessoas usam, seja para serem mais peitudas do que são, ou para serem mais altas, ou menos enrugadas, ou de olhos verdes, cabelos longos e lisos ou cacheados, lábios carnudos, bundas perfeitas, abdomens esculturais. Isso se observa, também, pelo uso generalizado de psicotrópicos que se faz hoje em dia. De tal forma que se sai por aí como se fosse possível, instantaneamente, superar as mais dolorosas experiências de rupturas amorosas, perdas e tristezas humanas. O *Lexotan* é, assim, a droga máxima da cultura da impostura, destinada a esconder todo tipo de fracasso, marcando o fim da dimensão trágica da existência humana<sup>2</sup>, como se fosse possível viver sem derrotas. A *ritalina* e os *anabolizantes* têm funções semelhantes: tudo impostura! No campo acadêmico, inventaram a tal da *produtividade* e o *Currículo Lattes*, que não deixam de ser um convite extraordinariamente sedutor à prática da impostura. Quanta bobagem levamos a público em nome da tal produtividade, tanta coisa reescrita e requentada *ad infinitum*! Fôssemos capazes de escrever um único artigo por ano que oferecesse alguma contribuição verdadeira ao progresso das ciências, e a humanidade já se daria por satisfeita. Mas não, os números seguem em inflação vertiginosa, estão *anabolizados*, e somos cobrados a escrever cinco, sete, dez artigos ao ano, para progredir na carreira acadêmica.

Isto me lembra um dos poemas de Fernando Pessoa (Álvaro de Campos), “*Poema em Linha Reta*”. Um poema, a meu ver, dedicado à denúncia da impostura generalizada: “Nunca conheci quem tivesse levado porrada/Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo, em tudo/ E eu, tantas vezes reles, tantas vezes porco, tantas vezes vil”. A linha reta é o caminho da impostura, “todos príncipes na vida”, “semideuses”, como diria Pessoa. Poderíamos citar, também, a canção “Ciranda da Bailarina” do Edu Lobo e Chico Buarque: “Procurando bem/ Todo mundo tem pereba, marca de bexiga ou vacina/E tem piriri, tem lombriga, tem ameba/Só a bailarina que não tem”.

Assim, o caminho da impostura tem sido a regra dos vitoriosos em nossa sociedade, mas vencer não tem nada a ver com aprender e saber. Ao contrário, aprender implica sempre alguma perda importante e percorrer um caminho quase sempre tortuoso.

## O QUE É APRENDER, AFINAL?

É conhecer. É saber. Como gosto de recordar, a palavra *saber* tem a mesma etimologia que a palavra *saborear*. Como conhecer o sabor de uma pitanga madura sem colocá-la entre os dentes e experimentá-la? Isso é algo que nenhum mestre pode transferir a seus alunos. É preciso passar pela *experiência*. Experimentar é, sobretudo, um exercício de observação. Aprender nos requer auto-observação e consciência deste saborear.

Em alemão, a palavra experiência se traduz por *Erfahrung*, em cuja etimologia encontramos, *fahren*, que significa *andar*, ou *Fahrt*, *viagem*, *caminho* e, ainda, *Erfahren*, que quer dizer *saber*. Isso me contou Leandro Konder, um professor de filosofia que leu Hegel no original e de quem tive a graça de ser aluna.

Assim também acontece na língua latina. Segundo Larrosa (2002, p. 25): “a palavra experiência vem do latim *experiri*, provar (experimentar). O radical é *periri*, que se encontra também em *periculum*, perigo. A raiz indo-europeia é *per*, com a qual se relaciona antes de tudo a palavra *travessia*, o *percorrido*, a *passagem*. (...) A experiência é a passagem da existência, a passagem de um ser que não tem essência, ou razão, ou fundamento, mas que simplesmente “ex-iste” de uma forma sempre singular, finita, imanente, contingente (...) a palavra experiência contém inseparavelmente as dimensões de travessia e *perigo*<sup>3</sup>”.

As viagens sempre envolvem risco e tomam tempo. Esse tempo, contudo, não é perdido, uma vez

que essa viagem, tornada experiência, se converte em *saber*. E não há outro jeito de saber, sem saborear, sem experimentar, e nisso vai um risco, claro.

Para Freud, o que nos leva a aprender é o desejo, a pulsão de vida. Uma educação repressora pode recalcar esse desejo de saber, prejudicando a aprendizagem. É preciso ter confiança emocional para se lançar no risco de aprender, para assumir e buscar a realização dos nossos desejos.

Aprender não é acertar, mas percorrer o caminho, um caminho de *formação* através da experiência. Saltar do não saber ao saber (a menor distância entre dois pontos: a linha reta), seria um grande equívoco que não levaria a nada.

Há um diálogo muito interessante no filme *Pequena Miss Sunshine*<sup>4</sup> entre um professor que estudava Marcel Proust e seu o sobrinho que lhe confessa o desejo de dormir até completar 18 anos e “pular todo o meio”. Recorrendo a seu autor preferido, o tio comenta: “Escritor francês. Perdedor total. Nunca teve um emprego de verdade. Amores não correspondidos. Homossexual. Passou 20 anos escrevendo um livro que quase ninguém leu. Mas é talvez o maior escritor desde Shakespeare. Bem, ele chegou ao fim de sua vida. E, refletindo, decidiu que todos os anos que ele sofreu foram os melhores de sua vida, pois fizeram-no ser quem era.”

## MAS ONDE RESIDE, AFINAL, O PERIGO?

O perigo está no enfrentamento do não saber, companheiro de todo o percurso de viagem. Só quando se consolida a experiência do caminho, da viagem, é que se pode chegar ao saber. Mas, durante todo o caminho, tudo o que temos é o *não saber* e todos os inevitáveis erros de percurso. Aprender é sempre uma *errância*, é se colocar à disposição do erro, dos descaminhos, do imprevisto, do milagre do *acontecimento*.

Um dos significados do verbo *errar*, como bem lembrou meu amigo Marcos Cavalcanti, é justamente andar sem rumo certo, vaguear, percorrer caminhos desconhecidos. Pois esta me parece ser a melhor expressão do processo de aprendizagem. Não há garantias neste percurso. Ao contrário, o caminho que nos leva a um rumo certo (a *linha reta*) não pode ser o caminho da aprendizagem mas, antes, o caminho da impostura.

O perigo está no desafio de abrir mão do que se é (e, principalmente, talvez, do que idealizamos ser), e acolher a ideia de poder vir a ser outra coisa que nem se sabe ainda muito bem o que é, o que está *por vir*, o

*de vir*. E isso é um bocado sofrido e assustador, claro. Mais confortável é sempre permanecer sendo o que se é. Não há desafios. Dormir aos 15 e acordar-se aos 18, ou quem sabe mais tarde ainda, evitaria todo embaraçado de se haver com o *percurso* (e o *perigo*) *de formação* ao qual a vida, caótica e surpreendente, está constantemente nos convidando.

## A ATITUDE CORRETA DURANTE O PERCURSO

Normalmente, na escola, se costuma dizer que inteligente é quem acerta, sendo bobo aquele que incorre no erro.

Discordo. Acredito que todos nós temos a capacidade da inteligência, ou seja, de aceder ao mundo inteligível, de conhecer o desconhecido. Inteligência tem origem no termo latino *intelligentia*, que significa “compreensão”, “faculdade de aprender”. Ora, se todos nascemos com potencial para aprender, por que uns aprendem mais facilmente que outros?

Há uma infinidade de autores que pensaram sobre isso, mas vou arriscar uma definição pessoal a partir da leitura de alguns deles:

*Inteligência é a ousadia de mobilizar nosso aparelho cognitivo no enfrentamento com o desconhecido, é investir nosso desejo em direção ao incerto.*

Sendo o embotamento, portanto, o seu contrário, ou seja: a falta de ousadia de lançar-se e enfrentar o que não se conhece ainda. O bobo seria, portanto, antes de tudo, um covarde, aquele que prefere a ignorância ao risco do percurso, da experiência, da errância.

Bem, como todos nascemos inteligentes, tendo a acreditar que a escola, assim como um ambiente familiar afetivamente ameaçador e repressor, além, claro, da cultura da impostura, criada pelo culto ao sucesso, tem alguma responsabilidade em tornarmos bobos, leia-se covardes, medrosos em relação ao desconhecido.

E isso porque a escola, tal como a conhecemos (temos o compromisso de transformá-la!), como reflexo de uma sociedade extremamente competitiva, supervaloriza o acerto em detrimento da aprendizagem. E, impondo-nos uma inversão, nos faz crer que inteligente é quem acerta.

Não é. Inteligente é quem se dispõe a pensar sobre o que não sabe, honestamente, sem subterfúgios. É quem, em última análise, não se aborrece em errar. Que é seguro o bastante para suportar o não saber e admitir que errou. Ser inteligente é uma *atitude* de prontidão.

Ser bobo poderia ser, portanto, adotar uma atitude que nos leve a desistir diante do menor desafio, do primeiro tropeço. E, pior ainda: deter-se em justificar os erros, tentando, além de enganar os outros, enganar-se a si mesmo, optando pela impostura.

Isso, no canto coral, por exemplo, é desastroso. É preciso ouvir-se e ouvir os demais para compreender que se está errando para, então, enfrentar-se com o erro, com o não saber, colocar-se nesta postura, com esta consciência e, através da observação de si mesmo e de quem efetivamente acerta, ir se encontrando, caminhando, mesmo que tropeçando. O problema é querer caminhar, logo no começo, sem tropeçar. A única forma de deixar de tropeçar é lidar com o tropeço. Quem não admite a possibilidade do tombo nunca aprende a andar de bicicleta.

A gente pode ser bobo para umas coisas e inteligente para outras. Eu, por exemplo, sou muito burrinha para tudo de computador, entre outras coisas. Fico perturbadíssima quando atualizam um programa e isso me obriga a aprender tudo de novo. Digo logo que não sei, nem quero me mexer para reaprender, delegando a alguém destrinchar o negócio e me explicar. Então, a pessoa tem que me dar uma receita, porque eu não quero pensar naquilo. Realmente, não tenho coragem de me mexer, de tentar. Acontece que eu aprendo a repetir o que a pessoa me explica, mas se as coisas se apresentam um pouquinho diferentes já não tenho autonomia nenhuma para encontrar a solução sozinha, ficando sempre dependente deste alguém para me dizer o que tenho que fazer. Verdadeiramente, não aprendo.

Aprender algo de verdade é saber *operar* com dado conhecimento, como nos ensinou Piaget. Saber usá-lo, no momento em que se faz útil e necessário. Por exemplo, de que adianta a gente ter decorado uma porção de datas históricas se não somos capazes de relacionar eventos de nossa própria família com o seu contexto histórico? De que adianta decorarmos como se faz uma regra de três se, quando precisamos comparar os preços do mesmo produto em embalagens com volumes diferentes, não nos ocorre utilizá-la?

## A ORDEM EXPLICADORA

*a* maioria dos professores que tivemos, e que até julgamos terem sido bondosos e competentes, não passam de *mestres explicadores* (RANCIÈRE,

2002). O que isso significa? Significa que não estão interessados em desenvolver na gente a atitude inteligente diante do desconhecido, mas, ao contrário, em fazer com que fiquemos eternamente dependentes deles. Esses mestres subestimam nossa capacidade de pensar, achando que não podemos aceder ao conhecimento sem suas explicações. Na verdade, acho que fazem isso porque não se sentem seguros sobre sua própria inteligência, sua própria capacidade de lidar com seus erros.

Por essa razão, os *mestres explicadores* criam uma (falsa) hierarquia entre a sua inteligência e a de seus alunos, fazendo-os acreditar que têm menor capacidade de enfrentar o desconhecido, criando aí uma desigualdade. Parece que facilitam as coisas com seus esquemas e resumos pré-prontos, mas seus efeitos são desastrosos para a inteligência de ambos. Na pior das hipóteses, o que não é raro, muitas vezes eles mesmos não conhecem o que explicam, apenas decoraram a explicação de algum outro mestre explicador, sendo seus melhores alunos não mais do que repetidores dessas explicações.

Ao contrário, para o mestre que tem a mente ativa e é capaz de fazer seu aluno ter a mesma atitude de alerta para investir seu aparelho cognitivo sobre o que desconhece, a maior alegria é ser superado. Ver no aluno um estímulo para pensar mais além, lá onde não ousava. Para quem aprende a pensar, a proposição de enigmas é um presente. Dizem que, em sua adolescência, Leonardo Da Vinci teria respondido assim a seu professor de matemática: “mau é o aluno que não supera seu mestre”.

Muitas vezes, “passar a mão na cabeça” dos estudantes não é nada mais do que subjugar sua inteligência. O que é, de fato, a atitude mais prejudicial que um professor pode ter perante seus alunos, pois é isso mesmo o que lhes embrutece a inteligência.

Num livrinho maravilhoso que me acompanha há muitos anos, e que se chama *A arte cavalheiresca do arqueiro zen*, um filósofo alemão toma aulas com um mestre zen japonês e leva mais de três anos sem conseguir atingir o alvo. Desesperado e já bem irritado com o mestre que ele culpa por não lhe explicar com precisão o que tem que fazer, indaga impaciente o que falta a ele, e o mestre responde calmamente: “Quando o senhor souber a resposta, não precisará mais de mim. E se eu lhe der alguma pista, poupando-o da experiência pessoal, serei o pior dos mestres, merecendo ser dispensado. Por isso, não falemos mais! Praticemos! (...) Não pergunte, pratique!” (HERRIGEL, 1979, p. 63)

Mais tarde, quando aprende a respirar corretamente, e como isso provocara uma notável melhora na sua performance, o filósofo indaga ao seu mestre se não teria sido mais eficiente se ele tivesse lhe ensinado, desde o princípio, a respiração correta, ao que o mestre responde:

Um grande mestre tem que ser ao mesmo tempo um grande educador, pois para nós esses mesmos atributos são inseparáveis. Se o aprendizado tivesse sido iniciado com os exercícios respiratórios, jamais o senhor se convenceria da sua influência decisiva. Era preciso que o senhor naufragasse nos próprios fracassos para aceitar o colete salva-vidas que ele lhe lançou. Creia-me, eu sei por experiência própria que o mestre conhece o senhor e cada um de seus discípulos melhor do que a nós mesmos. Ele lê nas nossas almas muito mais do que estamos dispostos a admitir. (HERRIGEL, 1979, p.35-36)

Habitualmente, o que a instituição escolar costuma fazer é nos desautorizar a pensar e a investir nosso aparelho cognitivo em relação ao desconhecido, reservando para si o *controle* e o *poder* sobre o conhecimento. Assim, o professor fica responsável por uma mediação burocrática entre o aluno e o conhecimento, desautorizando-o a interagir diretamente com o objeto a ser conhecido. Essa lógica explicadora é o que sustenta a pedagogia dos métodos, que impõe caminhos predeterminados pelos mestres para guiarem os alunos até o conhecimento, como se eles fossem cegos ou incapazes de caminhar sozinhos, com a hipócrita desculpa de poupá-los de eventuais frustrações.

Ao contrário, segundo Rancière (2002), a única coisa que pode fazer um bom mestre é encorajar seus alunos a *desejarem* lançar-se na aventura intelectual e correrem os riscos que lhes são inevitáveis. Esse autor desenvolve essa ideia a partir da experiência de um professor francês, Joseph Jacotot, que, no início do século XIX, se encontra diante do seguinte desafio: ensinar a alunos holandeses que não sabiam francês, assim como ele ignorava o holandês. Diante desse desafio, Jacotot desenvolve uma pedagogia através da qual é possível ensinar o que não se sabe, tendo sido capaz, ele próprio, de ensinar coisas incríveis sobre as quais era inteiramente ignorante, como o violino e mecânica de automóveis. Seu segredo era apenas um: encorajar seus alunos a caminharem conscientemente, observando-se, sendo capazes de reconhecer quando estavam errando, e a enfrentarem os desafios do erro.

## ERRAR OU ACERTAR É UM FALSO PROBLEMA

Passados muitos anos, um dia, o filósofo alemão consegue atingir o alvo e vê-se muito orgulhoso, ao que o mestre retruca imediatamente:

O que se passa com o senhor? Já sabe que não se deve envergonhar pelos tiros errados. Da mesma maneira, não deve felicitar-se pelos que se realizam plenamente. O senhor precisa libertar-se desse flutuar entre o prazer e o desprazer. Precisa aprender a sobrepor-se a ele com uma descontraída imparcialidade, alegrando-se como se outra pessoa tivesse feito aqueles disparos. Isso também tem que ser praticado incansavelmente, pois o senhor não imagina a importância que tem. (HERRIGEL, 1979, p. 74)

## APRENDER É PERTURBADOR

Piaget (1967) nos oferece uma valiosa contribuição sobre a aprendizagem, a partir da observação rigorosa do desenvolvimento cognitivo de seus próprios filhos. Segundo suas pesquisas, concluiu que a aprendizagem acontece por *desequilíbrios*, e o papel do professor, educador, adulto ou o que seja, é promovê-los para que o conhecimento seja construído, pouco a pouco, no confronto real com o *objeto de conhecimento*, através da formulação de *hipóteses*.

Por princípio, não existe aprendizagem sem desconforto. Aprender algo novo implica sempre desfazer-se de algo antigo, *desequilibrar-se*, nos termos de Piaget, e isso significa um luto inevitavelmente doloroso. Contudo, enquanto o aluno não tenha consciência suficiente e esteja seduzido pelo caminho fácil da impostura, é fundamental indicar que se está errando, por mais doloroso que seja. Um mestre suficientemente bom não pode compactuar com a impostura.

Freud dizia que a primeira grande aventura intelectual que cada um de nós empreende nas nossas vidas é sobre o seguinte desconhecido: como são concebidos os bebês?

Ora, quando eu era criança, também me ocorreu enfrentar essa questão. Dei para assuntar com os adultos, mas as respostas que me davam não me pareciam verossímeis: a história da cegonha, da sementinha e tal. E foi observando o final de uma novela da Globo, nos anos 1970, que eu cheguei à seguinte conclusão: é o gesto ritualístico do padre, ao

celebrar o casamento, que concede a fecundação, possivelmente por este agir como um intermediário entre Deus e os mortais. Em última análise, era Deus que agia para que as mulheres engravidassem e tivessem filhos, pensava eu. E o milagre divino só se poderia operar através desse gesto do sacerdote. Testei minha hipótese cuidadosamente e a comprovei. Todos os casamentos do final da novela se davam na igreja e, logo em seguida, as mulheres apareciam grávidas. Minha hipótese se confirmava perfeitamente! Então, comuniquei a minha incrível descoberta à família. Todos acharam graça e me olharam com discreta comiseração não dizendo nem que sim, nem que não. Minha irmã mais velha, entretanto, retrucou com um contraexemplo avassalador: mas você lembra daquela nossa vizinha adolescente que apareceu grávida e não era casada, não lembra?

Essa informação foi terrivelmente perturbadora, *desequilibradora*, porque era uma evidência de que o meu raciocínio estava errado e me obrigava a abandonar a minha hipótese. Abandonar a minha hipótese: essa atitude, por mais dolorosa que fosse, era a mais inteligente, mesmo que me levasse de volta à incerteza, à terrível desolação do não saber: se não era assim, como eram, afinal, concebidos os bebês? Minha irmã, apesar de ter apontado o “fracasso” da minha hipótese, de ter revelado o meu erro, tão impiedosamente, ao me lançar de novo no não saber, semeou, em meu espírito, a atitude correta.

O erro, portanto, não está no resultado, mas na atitude, na postura. Leve ela ao erro ou ao acerto, é a atitude que importa. E a atitude correta é a da consciência e observação máximas. Ainda no livro de Herrigel, o mestre, em determinado momento do processo de aprendizagem, diz ao seu discípulo: “O senhor se atormenta em vão, eleve o espírito para além da preocupação de atingir o alvo. Mesmo que nenhuma flecha o alcance, o senhor pode tornar-se um mestre-arqueiro. Os impactos no alvo nada mais são do que a confirmação e provas exteriores.” (HERRIGEL, 1979, p. 68)

## PARA APRENDER É PRECISO RECONHECER QUE NÃO SE SABE

No *Banquete*, Sócrates surpreende os convidados afirmando que, conforme aprendera com Diotima, Eros não era divino e tampouco era mortal, mas sim um *gênio*, aquele que vive entre uma coisa e outra.

A origem de Eros demonstra bem isso. Segundo Diotima, no banquete de celebração do nascimento

de Afrodite, Poro (o recurso, a astúcia, aquele que sempre encontra uma saída), tendo bebido néctar dos deuses além da conta, ao final da festa estava embriagado pelo jardim, quando apareceu Penia (a pobreza) a mendigar. Esta, movida por sua escassez de recursos, por sua penúria, tramou fazer um filho com Poro e, deste modo, concebeu Eros. Por essa razão, Eros é, por um lado, sempre pobre como sua mãe e, por outro, persegue o bom e o belo como seu pai. Sendo ousado, deseja a sabedoria e os recursos, encontrando sempre com a sua astúcia um modo de conseguir o que deseja. Assim, Eros não é nem rico nem pobre, nem sábio nem ignorante. É, antes, um buscador, porque se sabe pobre.

Vejamos um trechinho do próprio Platão que expressa isso de forma extraordinária:

Pois, então, eis aqui o que ocorre: nenhum deus filosofa nem deseja fazer-se sábio, porque já o é. Por outro lado, os ignorantes nem filosofam nem desejam fazer-se sábios, pois nisso se sustenta o mal da ignorância: em não ser nem bom, nem sábio e ter a ilusão de sê-lo em grau suficiente. Assim, aquele que não crê estar em falta de nada não sente desejo do que não acredita necessitar. (PLATÃO, 1987, p. 84)<sup>5</sup>

Haveria melhor expressão do sentido de *impostura*? “Não ser nem bom nem sábio e ter a ilusão de sê-lo em grau suficiente”. Tentando tapar o buraco do não saber, a impostura nos afasta do bom caminho, da atitude correta, de consciência ativa, que poderia nos levar, efetivamente, mais próximos do saber.

## CONCLUINDO

Aprender é uma espécie de liberdade, possivelmente a maior de todas. É autorizar-se a si mesmo a conhecer o que não conhece e, portanto, uma forma de *poder* também. É alargar seus horizontes. É não temer o desconhecido e, sobretudo, não temer os tropeços. É manter-se na postura correta, em atitude de prontidão, observação e consciência. Aprender é ser um pouquinho menos egoíco. É reconhecer-se como ser faltoso e, portanto, desejante, sabendo mesmo que jamais será completo. Pois é essa a graça de estudar. É estar no caminho e saborear cada passo, e mesmo os tropeços. E, sobretudo, não precisar provar a ninguém o que se sabe. A experiência de aprender é algo que levamos internamente e que nada tem a ver com os outros. Aprender é deixar de ser o que se é, de acreditar no que supõe estar correto. É abrir mão das próprias certezas. É

morrer um pouco e reinventar-se a cada dia e nas ocasiões mais inusitadas. Aprender tem a ver com *formação* e não com *certificação*. É a capacidade de *operar* com os conhecimentos aos quais tivemos acesso que nos dá a *certeza* de que aprendemos, de que *sabemos* de fato. Não é necessário ao nosso desenvolvimento que nossa aprendizagem seja *certificada* por alguém ou por algum *órgão competente*. Isto é apenas uma consequência natural. Mais que isso, aprender é *transformação* e, portanto, um gesto revolucionário. Aprender requer, além de coragem, liberdade e confiança em si mesmo, humildade e, sobretudo, boa dose de honestidade.

No filme *Pequena Miss Sunshine*, o avô da menina que se candidata a um prêmio de talentos diz uma coisa muito interessante à sua neta: “perdedor é aquele que tem tanto medo de vencer que nem tenta”.

Ah, isso me pareceu muito bom e, por isso, aos meus alunos, passo a dar o mesmo conselho que a minha amiga, Prof<sup>a</sup> Lia Guarino: “Autorizem-se<sup>6</sup> a saber! Ousem saber! Atrevam-se a saber!<sup>7</sup> Aquele que começou já está na metade do caminho: ouse saber! Comece!<sup>8</sup>”. Não cedam nunca à tentação do caminho fácil da impostura. Não há motivos para envergonharmo-nos por não saber. Não tenham medo de errar. Isso faz parte do caminho. Vergonhoso, isso sim, é fazer-se passar pelo que não se é, é fingir que sabe o que não se sabe. Isso porque, desse modo, jamais poderemos nos aproximar verdadeiramente do que desejamos ser. 🌱

## BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA

- DEMI. *O pote vazio*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- HERRIGEL, Eugen. *A arte cavalheiresca do arqueiro zen*. São Paulo: Pensamento, 1979.
- KOSIK, Karel. *O século de Grete Samsa: sobre a possibilidade ou a impossibilidade do trágico no nosso tempo*. Trad. Leandro Konder, mimeo, 1998.
- KUPFER, Maria Cristina. *Freud e a educação: o mestre do impossível*. 3. ed. São Paulo: Sipiõne, 1995.
- LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In.: *Revista brasileira de educação*. n.19, jan/fev/mar/abr, 2002.
- LEMINSKI, Paulo. *La vie em close*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1972.
- PIAGET, Jean. *Seis estudos de psicologia*. Trad. Maria A.M. D'Amorim; Paulo S.L. Silva. Rio de Janeiro: Forense, 1967.
- PLATÃO. *El banquete o del amor*. Madrid: Aguilar, 1987.
- RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- DVD citado: *Little Miss Sunshine*. Direção: Jonathan Dayton e Valerie Faris. Roteiro: Michael Arndt. Estados Unidos da América, 2006.

**1** Este texto é dedicado aos meus alunos das turmas 18 e 19 da disciplina de *Estudo Dirigido* do Curso de Pedagogia do Instituto de Educação de Angra dos Reis da UFF, motivação definitiva para colocar no papel o que alguns dos meus mestres queridos têm me ensinado ao longo da vida. De início, meus pais e professores, Thereza e Frid, que me iniciaram nisso de pensar sem muletas e, depois deles, minhas mestras atuais, Ignez Perdigão e Renata Lyrio que, além de me darem aulas de canto e de yoga, respectivamente, me dão lições, sem saber, de como encorajar a aprender desde dentro, sem subterfúgios. Espero, por fim, ter cumprido, minimamente, o desafio da interdisciplinaridade proposto pela disciplina *Estudo Dirigido*.

**2** Sobre o fim da dimensão trágica no mundo moderno, há um texto recomendável de Karel Kosik, traduzido por Leandro Konder, *O Século de Grete Samsa: sobre a possibilidade ou a impossibilidade do trágico no nosso tempo*. Segundo Kosik, “a nossa época moderna é hostil ao trágico, trata de excluí-lo, e em seu lugar institui o grotesco. Por isso, o século de Franz Kafka é, ao mesmo tempo, o século cuja quintessência se acha corporificada numa de suas figuras: a personagem Grete Samsa, uma espécie de anti-Antígona do século XX”. Isto porque, diferente da Antígona de Sófocles, Grete, ao ver seu irmão metamorfoseado em um inseto, não mais o reconhece como ser humano e, tendo este se tornado um estorvo (uma evidência de fracasso), acode à empregada para que o varra dali. O artigo encontra-se acessível, na íntegra, no seguinte endereço: <http://www.pgletras.uerj.br/matraga/nrsantigos/matraga8kosik.pdf>.

**3** *Perigo*, do latim, se traduziria, em nossa língua, por *pequena viagem*, me contou Konder, e eu acredito, claro.

**4** *Little Miss Sunshine*. Direção: Jonathan Dayton e Valerie Faris. Roteiro: Michael Arndt. Estados Unidos da América, 2006.

**5** Tradução livre da autora.

**6** O verbo *autorizar-se* é da mesma família de *autoridade*, *autoria* e *autor* que vem do latim *augeo*, que significa *augmentar*. Daí, temos o nosso *auge*, *alto*, lugar onde somos *soberanos*, lá de onde podemos *alçar voos*. Onde somos senhores de nós mesmos, autores de nosso próprio percurso.

**7** No original, *Sapere aude!*, “Frase em latim que significa “ouse saber” ou “atreva-se a saber”, e pode ser traduzida, também como “tenha a coragem de usar teu próprio entendimento”. ([www.sapereaudelivros.com.br/sapere.htm](http://www.sapereaudelivros.com.br/sapere.htm))

**8** No original, *Dimidium facti qui coepit habet: sapere aude, incipe!* “Originalmente parece estar na *Epistularum liber primus*, obra poética escrita em 14 a.C. por Horácio (Quintus Horatius Flaccus), livro 1, carta 2, verso 40. A frase teve seu emprego mais conhecido no ensaio *Was ist Aufklärung?* (O que é Iluminismo?) de Immanuel Kant, escrito em 1784, que a estabeleceu como uma espécie de grito de guerra iluminista.” ([www.sapereaudelivros.com.br/sapere.htm](http://www.sapereaudelivros.com.br/sapere.htm))

**Andréa Pavão** é Professora Adjunta do Instituto de Educação de Angra dos Reis da UFF. Tem Pós-doutorado em História da Cultura Escrita pela Universidade de Alcalá e Antropologia das Emoções pela UERJ. Desenvolve pesquisa na área de Antropologia da Cultura Escrita e Políticas Públicas de Formação de Professores.